

# Aspectos estruturantes da morfossintaxe da LGP: expressão da quantidade e das categorias de sexo dos referentes animados

Celda Morgado Choupina<sup>1</sup>

## **Resumo**

*Este artigo inscreve-se no âmbito da Linguística Comparativa e tem como principal objetivo mostrar que a LGP apresenta aspetos estruturantes semelhantes aos que se verificam em línguas orais em contacto com o Português. Faremos uma apresentação dos fenómenos de expressão da quantidade e das categorias de sexo dos referentes e dos seus processos de realização. A LGP tem a possibilidade de comunicar a quantidade através de mecanismos variados, manuais e não manuais, e permite transmitir, quando necessária à comunicação, a informação da categoria biológica sexo dos referentes animados envolvidos no discurso; no entanto, não integra o grupo de línguas com número formal e género gramatical, pelo que nenhuma das categorias em análise na LGP - quantidade e categorias de sexo dos referentes - apresenta implicações na concordância morfossintática das palavras nos sintagmas e nas frases, ainda que se recorra a mecanismos lexicais, morfossintáticos e prosódicos para as expressar.*

**Palavras-chave:** *Linguística. LGP. Género Gramatical. Categorias de Sexo. Número formal e Quantidade*

---

<sup>1</sup> Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto (ESE-P. Porto); Centro de Linguística da Universidade do Porto (CLUP); Centro de Investigação e Inovação em Educação (InED); Porto; Portugal.  
E-mail: celda@ese.ipp.pt.

## **Introdução**

Sendo a Língua Gestual Portuguesa (LGP) uma língua natural, apresenta as propriedades da linguagem consideradas definidoras por diferentes linguistas ao longo dos tempos (HOCKETT, 1960; LYONS, 1985). Excetuando as diferenças gramaticais e as especificidades da modalidade de produção e de recepção, as línguas apresentam características universais, reconhecidas quando as comparamos, entre elas encontram-se a existência de categorias lexicais equivalentes, a evidência de regras semelhantes para a formação de palavras e de frases e a possibilidade de exprimir a quantidade, a temporalidade e a negação.

Tendo em conta estas propriedades, quisemos, então, perceber como funcionam dois aspectos estruturantes da LGP – a expressão da quantidade e a transmissão da categoria de sexo dos referentes animados, fazendo uma comparação linguística entre a LGP e o Português Europeu, agora no que se refere ao número e ao gênero gramatical. Esta comparação foi alargada a duas línguas orais em contato com o Português Europeu: o Tétum, língua nacional oficial de Timor-Leste, e o Caboverdiano de Santiago, pertencente aos crioulos do grupo Sotavento de Cabo Verde. Consideramos esta comparação interessante para mostrar que as diferenças estruturais nas duas categorias em análise não se encontram apenas entre a LGP e o PE, uma língua gestual e uma língua oral, mas também entre o PE e duas das línguas orais em contato (o Tétum e o Caboverdiano de Santiago), e portanto, não podem dever-se a razões de modalidade.

Em cumprimento daqueles objetivos, pretendemos observar como funciona a expressão linguística da quantidade e da categoria de sexo dos referentes na LGP e como as particularidades gramaticais que definem tais aspetos nos permitem inserir a LGP no grupo das línguas sem sistema de gênero linguístico e sem sistema de número formal, contrariamente ao Português Europeu, uma língua com gênero gramatical e com número formal.

Neste sentido, a LGP não parece dispor da categoria gênero no nome (o que corrobora os dados apresentados em CHOUPINA, 2015, p. 492), em oposição ao afirmado por Amaral, Coutinho & Delgado-Martins (1994, p. 83-88), nem motiva, pelo que pudemos concluir em investigações anteriores, qualquer tipo de concordância no SN, seja de número, seja de qualquer outra categoria morfossintática (CHOUPINA et al., 2015, p.

121). Assim, a categoria gênero (presente em várias línguas do mundo) é diferente da expressão dos traços semânticos “masculino” e “feminino” referentes às categorias biologicamente determinadas para os seres sexuados.

Além da Linguística Descritiva também a Linguística Comparativa se tornam centrais neste artigo, não só para a descrição e a sistematização das semelhanças e das diferenças entre as línguas, mas também para o ensino e aprendizagem de línguas, nomeadamente se a língua a aprender é uma Língua de Contato com a Língua Materna, como é o caso do PE e da LGP, em Portugal e se a língua a aprender apresenta diferenças estruturais. Assim, as conclusões deste breve estudo devem ser consideradas no ensino do Português na modalidade escrita a indivíduos surdos.

Organizamos o artigo em duas partes centrais: na primeira, faremos uma descrição do funcionamento das categorias número e gênero e sua respetiva relação com as noções de quantidade e sexo dos referentes, em Português Europeu, em comparação com duas das línguas orais em contato; na segunda, faremos uma a descrição da LGP quanto à inexistência das categorias formais número e gênero e, em contraste, quanto à possibilidade de enunciação da quantidade e de marcação linguística das categorias de sexo dos referentes animados. Iniciamos e concluímos o artigo respectivamente de introdução e de notas conclusivas.

### **A problemática do gênero gramatical e do número formal em Português Europeu e línguas orais em contato**

Em Português Europeu (PE), são atribuídas duas categorias gramaticais formais aos nomes – o gênero e o número. Ainda que sejam permanentemente apresentadas em simultâneo, quer em programas de ensino, quer em materiais de didática do Português para ouvintes e para surdos, e como duas categorias nominais com funcionamento similar no âmbito da Morfologia Flexional, na verdade apresentam estatuto e funcionamento morfossintáticos e marcações morfológicas bem diferentes. O número é, de um modo geral, de marcação opcional, dependente da noção de quantidade, embora se realize morfossintaticamente de forma sistemática e flexional, enquanto o gênero gramatical é obrigatório, mas de atribuição arbitrária e não apresenta marcação flexional.

## **Número formal e expressão da quantidade**

A expressão da quantidade, como um Universal Linguístico, é possível em todas as línguas do mundo; no entanto, nem todas exibem marca formal de número (DRYER, 2013). Corbett (2000, p. 1) afirma que o número é uma categoria gramatical que nem sempre é tratada com a complexidade devida: “*It is deceptively simple, and is much more interesting and varied than most linguists realize*”.

A quantidade nominal associa-se à noção semântica de cardinalidade, quando expressa a noção de quantidade absoluta (muitas vezes realizada linguisticamente pelo numeral cardinal), mas pode também expressar quantidades indefinidas. A linguagem permite, assim, expressar quantidades indefinidas e quantidades definidas, por meio de diversos mecanismos próprios e específicos das línguas. As quantidades indefinidas não são facilmente quantificáveis (usam-se quantificadores indefinidos para as expressar, como *muito* e *pouco* em PE), enquanto as quantidades definidas são facilmente quantificáveis (usam-se unidades de medida, de peso e de cardinalidade).

O termo número pode aplicar-se a realidades distintas, entre elas:

- (i) **número como expressão de quantidade:** número cardinal (quantidade absoluta) e número ordinal (ordem ou posição numa série);
- (ii) **número como código numérico:** por exemplo n.º de endereço e o n.º de telefone;
- (iii) **número como categoria nominal formal:** sistema de marcação formal com implicações na concordância das palavras nos sintagmas e nas frases – em PE realiza-se no morfema flexional <-s>.

A última acepção – número como categoria gramatical formal – em línguas que a possuem, tem implicações na morfossintaxe da língua e normalmente está para além da expressão da quantidade, ainda que o morfema de número no nome acumule, na maior parte dos casos, uma dupla informação: a de número formal e a de quantidade. Em PE, o número é uma categoria nominal que distribui os nomes por duas classes – singular e plural – realizando-se a marcação do plural por flexão sufixal, sistematicamente concretizada pelo morfema preso <-s>/ [s]: em nomes; em adjetivos; em artigos; determinantes e pronomes; quantificadores; participios passados, etc.

A sintaxe do PE é altamente flexionada e o número realiza-se de forma redundante, por cópia de traços do nome para todo o sintagma e inclusive a frase, neste último caso pela concordância em número do predicativo do sujeito com o sujeito ou entre este e o participio passado (Ver 1a e 1b).

- (1) a) **As casas são** grandes.  
b) **As bolachas foram** comidas muito cedo.

A flexão de número tem um papel central na concordância sintática, não só entre as palavras com estreita relação com o nome dentro do sintagma nominal, mas também entre constituintes – em **peessoa e número** entre o verbo (“são”; “foram comidas”) e o sujeito (“as casas”; “as bolachas”).

Como referimos, nem todas as línguas do mundo apresentam a categoria de número formal, ainda que em todas pareça haver estratégias linguísticas para transmitir a quantidade. O Tétum e o Caboverdiano de Santiago são línguas em contato com o Português que não possuem número formal, portanto, categoria número com implicações na concordância sintática.

Vejamos em (2) alguns exemplos para o Caboverdiano, extraídos de Pereira, Arim & Carvalho (2013-2015, p. 15-16).

(2) Caboverdiano, variante Santiago

- a) *Góra, nu ta kume **uns** banana.*  
“Agora, nós vamos comer umas bananas”.
- b) ***Kes** kasa bunitu.*  
“As casas são bonitas”.
- c) *E perde **ses** libru na skola.*  
“Ele perdeu os livros dele na escola”.
- d) ***Fidjus** di Nba Bia sta duenti.*  
“Os filhos da Senhora Bia estão doentes”.

Em nenhum dos exemplos se verifica concordância das palavras quanto a número, sendo que a informação expressa é apenas de quantidade. Como tal, essa informação é apenas dada uma vez em cada frase, sem haver qualquer retoma ou redundância nem no sintagma nem na frase: nos exemplos 2a, 2b e 2c a quantidade é expressa por determinantes (*uns*, *kes* e *ses*) e em 2d é o nome *fidjus* que a transmite. Assim, a informação de plural é dada apenas uma vez no sintagma, por norma na “primeira palavra que permite flexão (artigo, demonstrativo, nome)”, segundo Pereira, Arim & Carvalho (2013-2015, p. 15).

Os exemplos seguintes ilustram, de forma breve, a expressão da quantidade em Tétum. O Tétum não tem número formal, tal como se verificou também em Caboverdiano. No entanto, o nome apresenta-se invariável, sendo a quantidade expressa por mecanismos lexicais e morfossintáticos. *Ida* e *sira*, ora como determinantes ora como quantificadores, permitem, de um modo genérico, marcar a quantidade singular e a quantidade plural não específica, respectivamente, como se verifica nos exemplos (3) e (4). As quantidades específicas são transmitidas pelo uso de quantificadores numerais.

- (3) *Ha'u foti **ida** mutin* (HULL & ECCLES, 2005, p. 56).

“Eu levei o barco”.

- (4) a) *Madre **sira** banorin labarik **sira** no bali moras **sira*** (HULL & ECCLES, 2005, p. 17).

“As freiras ensinam as crianças e cuidam dos doentes”.

- b) *Labarik **sira** hein hela iba li'ur* (HULL & ECCLES, 2005, p. 17).

“As crianças estão à espera lá fora”.

Em variedades anteriores do Tétum, por influência do Malaio, o nome apresentava como marca regular de pluralidade a reduplicação. Hoje, este recurso ainda é utilizado, mas apenas para expressar um plural não quantificado, como se vê no exemplo (5).

- (5) *Povo fabe malu ba **grupu-grupo** no **partidu-partidu*** (HULL & ECCLES, 2005, p. 15).

“O povo divide-se em vários grupos e partidos”.

## O gênero gramatical e as categorias de sexo

O termo gênero, em PE, aplica-se a diversas realidades. Neste artigo, nos referimos ao gênero gramatical, ou seja, à propriedade formal que os nomes possuem e que determina a concordância no âmbito do sintagma nominal e da frase. Assim, em PE, todos os nomes têm um valor de gênero (masculino/feminino), independentemente da sua atribuição (lexical ou sintática), materializado na sintaxe da língua nos mecanismos de concordância (VILLALVA, 2000; CHOUPINA, 2011; CHOUPINA et al., 2014), tal como se pode comprovar no exemplo (1a), aqui retomado em (6).

(6) As casas são grandes.

O nome *casas* é de gênero feminino, traço que é copiado para a posição de determinante, fazendo-se a seleção do determinante artigo feminino *as*, assim como para a posição do predicativo, na atribuição de valor feminino também ao adjetivo *grandes* (ainda que seja invariável na sua forma possui o valor feminino).

No entanto, o gênero gramatical está longe de ser uma propriedade universal às línguas do mundo. A comparação linguística permite-nos notar não só que o gênero não tem o estatuto de categoria gramatical em todas as línguas do mundo (CORBETT, 1991), mas também mostrar que diversos fatores concorrem, em diferentes línguas, para a sua determinação e a especificação dos seus valores. O PE é uma língua com gênero gramatical formal, sendo uma noção não correlata da noção de sexo, ainda que em determinados nomes possa haver alguma motivação das categorias biológicas.

No PE, são vários os processos morfossintáticos que permitem a especificação do valor de gênero dos nomes e, por vezes, a construção da “ilusão” de alternância ou contraste de gênero: (i) a marcação da classe temática, realizada pelo índice temático (-o, -a, -e e Ø/atemático), como em *menino* e *gato*; (ii) a alternância fonológica, como em *irmão* e *irmã*; (iii) a derivação, em exemplos como *conde* e *condessa*, *cão* e *cadela*; (iv) os processos sintáticos, *o modelo* e *a modelo*, *o estudante* e *a estudante*. Destes processos ficam excluídos os conhecidos como **composição** (*borboleta macho* e *borboleta fêmea*) e **heteronímia de radicais** (*pai* e *mãe*), uma vez que os nomes que os ilustram são de gênero inerente e apenas contrastam o sexo dos referentes nomeados por esses nomes, como vem sendo reiteradamente explanado e defendido na literatura especializada (VILLALVA, 2003; BAPTISTA et al., 2013; CHOUPINA et al., 2014; CHOUPINA et al., 2016a).

No grupo das línguas em que gênero e sexo são dois conceitos correlatos, sendo que linguisticamente apenas se podem marcar os nomes de uma das categorias de sexo, frequentemente o feminino, ou as duas, estão, por exemplo, o Tétum e o Caboverdiano de Santiago.

Ainda que de bases distintas, o Tétum e o Caboverdiano de Santiago apresentam, para além da clara transferência lexical do PE, algumas semelhanças estruturais e gramaticais no que às categorias do nome diz respeito. Os nomes, em Tétum, “são invariáveis em gênero e número” (COSTA, 2001, p. 22) e, em Caboverdiano, “também não possuem flexão de gênero” (LUCCHESI, 2003, p. 437), a contar pelos estudos disponíveis sobre estas línguas (CHOUPINA & SEMEDO, no prelo).

No Tétum e no Caboverdiano de Santiago, a noção de gênero parece estar associada à noção de sexo, havendo marcação linguística apenas quando os nomes designam seres animados, animais ou humanos, contrariamente ao que foi visto para o PE, que é uma categoria obrigatória e morfossintaticamente relevante para a concordância dos nomes com as restantes palavras dentro do sintagma e da frase. Vejamos os exemplos (7) para o Tétum e os exemplos em (8) para o Caboverdiano (retirados de CHOUPINA, 2011, e citados por CHOUPINA & SEMEDO, no prelo):

(7) Tétum

a) *Didin mutin fo'er* (CHOUPINA, 2011, p. 71).

Parede branco sujo

“A parede branca está suja”.

b) *Balde mutin fo'er*.

Balde branco sujo

“O balde branco está sujo” (CHOUPINA, 2011, p. 71).

Como se pode verificar pelos exemplos do Tétum, os nomes referentes a seres inanimados, *didin* (parede) e *balde* (balde), não exigem concordância com os adjetivos *mutin* (branco/branca) e *fo'er* (sujo/suja), o que indicia que não existe o traço de gênero no nome como traço de concordância no sintagma nominal.



(8) Caboverdiano de Santiago

- a) Flor **bunitu** (CARDOSO, 2005, p. 6).  
Flor bonito  
“Flor bonita”.
- b) Livru **bedju** (CARDOSO, 2005, p. 6).  
Livro velho  
“Livro velho”.
- c) Un *kaça* **feia** (LUCCHESI, 2003, p. 437).  
Um casa feia  
“Uma casa feia”.

À semelhança do que se verificou para o Tétum, também nestes exemplos do Caboverdiano se constata a ausência de concordância em género.

Com nomes de seres animados não humanos (Tabela 1), a expressão linguística de sexo dos referentes é realizada principalmente por composição e heteronímia de radicais. Precisamente dois processos também típicos do PE utilizados com o mesmo fim – emparelhar nomes de seres vivos de sexos distintos.

| Processos utilizados         | Nomes de seres animados não humanos   |  |
|------------------------------|---|--|
|                              | Tétum   | Caboverdiano de Santiago   |
| Composição com “macho/fêmea” | a) <i>kuda / kuda inan</i> (COSTA, 2001, p. 23)<br>cavalo / cavalo fêmea<br>“cavalo” / “égua”   | a) <i>katchor (matxu) branku / katchor fêmia branku</i><br>cão macho branco / cão fêmea branco<br>“cão branco” / “cadela branca” |
|                              | b) <i>asu aman / asu inan</i> (COSTA, 2001, p. 40)<br>cão macho / cão fêmea<br>“cão” / “cadela” | b) <i>gatu mátxu / gatu fêmia</i><br>gato macho / gato fêmea<br>“gato” / “gata”  |
| Heteronímia de radicais      | a) <i>aman/inan</i><br>“macho” / “fêmea”  | a) <i>matxu/fêmia</i><br>“macho” / “fêmea”<br>b) <i>boi / báka</i><br>“boi” / “vaca”   |

Tabela 1: Processos linguísticos de expressão da categoria sexo com nomes de seres animados não humanos em Tétum e em Caboverdiano de Santiago (adaptado de CHOUPINA & SEMEDO, no prelo).

Também com nomes de seres animados humanos (Tabela 2), é possível a expressão linguística da categoria biológica sexo dos referentes pelos mesmos processos: composição, utilizando adjetivos que referenciam distinções de sexo, e heteronímia de radicais, nomes diferentes para cada um dos seres.

| Processos utilizados                | Nomes de seres animados humanos   |  |
|-------------------------------------|---|--|
|                                     | Tétum   | Caboverdiano de Santiago   |
| <b>Composição com “macho/fêmea”</b> | a) <i>labarik mane / labarik fetu</i><br>criança macho/ criança fêmea<br>“menino” / “menina”<br>b) <i>oan-mane / oan-fetu</i><br>filho macho / filho fêmea<br>“filho” / “filha” | a) <i>mininu matxu / mininu fêmia</i><br>(CARDOSO, 2005, p. 6)<br>menino macho / menino fêmea<br>“menino” / “menina”<br>c) <i>fiju/ fija, fiju machu/ fiju fêmia</i><br>(LUCCHESI, 2003, p. 437) |
| <b>Heteronímia de radicais</b>      | a) <i>mane/fetu</i><br>“homem” / “mulher”<br>b) <i>klosan/fetora</i><br>“o jovem” / “a jovem”   | a) <i>omi/ mudjer</i><br>“homem” / “mulher”<br>b) <i>matxu/ fêmia</i><br>“macho” / “fêmea”   |

Tabela 2: Processos linguísticos de expressão da categoria sexo com nomes de seres animados humanos em Tétum e em Caboverdiano de Santiago (adaptado de CHOUPINA & SEMEDO, no prelo).

Pelo que ficou exposto, podemos afirmar que o género, em PE, é uma categoria gramatical, obrigatória em todos os nomes da língua, independentemente de referenciam seres vivos ou não, essencialmente de natureza morfossintática, e independente da categoria biológica que determina o sexo dos seres vivos. Já no Tétum e no Caboverdiano de Santiago, não existe a categoria género linguístico, como marca ou traço de concordância obrigatória entre todos os nomes e as restantes palavras nos sintagmas nominais e nas frases, sendo apenas expresso linguisticamente a categoria sexo dos referentes animados, preferencialmente pelos processos de composição com “macho”/“fêmea” e heteronímia de radicais, e em certas circunstâncias discursivas. Esta ilação promove uma diferença estrutural e funcional entre a gramática do PE e a gramática destas línguas, que com ela contactam, aqui referenciadas. Vejamos, a seguir, o que ocorre numa língua em contato com o PE, mas de matriz gestual e visual – a Língua Gestual Portuguesa (LGP).

## Aspetos estruturantes da morfossintaxe da LGP

Tendo em conta as propriedades estruturantes da LGP, uma língua visuoespacial e manual motora, quisemos perceber como as categorias em análise eram expressas e qual o estatuto que poderiam ter na morfossintaxe da língua. Para tal, procedemos à recolha de produções em LGP, sem, no entanto, ter estruturado uma experiência autônoma para o efeito. Deste modo, a análise que aqui apresentamos das categorias número *versus* quantidade e gênero *versus* sexo dos referentes é apenas exploratória e não constitui um estudo exaustivo, nem apresenta dados quantitativos e respetivo tratamento estatístico. Os exemplos foram recolhidos em consulta do dicionário multilíngue *Spread the Sign*<sup>2</sup> e em trabalhos anteriormente realizados para análise de vários fenômenos linguísticos (CHOUPINA et al., 2015; CHOUPINA, BRITO & BETTENCOURT, 2016).

Do contato que fomos tendo com a LGP, quer em formações específicas quer no convívio com gestuantes nativos, fomos percebendo que esta língua apresenta semelhanças com o que se verifica em algumas línguas orais em contato com o PE, como sejam o Tétum e o Caboverdiano de Santiago. Deste modo, percebemos que exemplos como os de (9), retirados do dicionário *Spread the Sign*, indicavam que a língua não possuía um sistema formal de concordância de número.

\_\_\_\_\_som 'fff' \_\_\_\_\_s e oc; ba;mc<sup>3</sup>

(9) a) AMIGO<sub>prolongamento de toque</sub> MEU FESTEJAR<sub>repetição com amplitude</sub>  
amigo amigo meu festejar festejar festejar  
“Os meus amigos estão a festejar”.

\_\_\_\_\_som 'fff'

b) FÉRIAS MEU TRÊS<sub>movimento progressivo do 1 ao 3</sub> MÊS<sup>4</sup>  
férias meu daqui a três mês  
“As minhas férias são daqui a três meses”.

Nestes exemplos, não há qualquer marcação de número formal, sendo que não há evidências de concordância morfossintática em número. Há, porém, a expressão da

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://www.spreadthesign.com/pt/>>

<sup>3</sup> Sobrancelhas e olhos cerrados; boca aberta, com movimento de cabeça e do corpo para o lado não dominante

<sup>4</sup> O quantificador TRÊS é produzido com movimento lento de progressão, em que é marcado 1 e 2 e 3 apenas no final, podendo estar expressando a ideia de que ainda faltam três meses para a chegada das férias.

quantidade, definida e indefinida. Na frase 9a, o prolongamento do toque no gesto AMIGO parece apresentar-se ao serviço da quantidade indefinida plural; e na frase 9b o quantificador numeral TRÊS expressa a quantidade definida no âmbito do sintagma “daqui a três meses”, sendo que não provoca qualquer variação no nome MÊS. Sendo assim, encontramos marcas manuais (em 9b) e marcas não manuais (em 9a) de expressão da quantidade. Relativamente ao gênero, pela não variação do determinante possessivo MEU, quando combinado com AMIGO e com FÉRIAS, verificamos que pode ser uma categoria inexistente nesta língua, à semelhança do que acontece com as restantes línguas em contato com o PE anteriormente analisadas.

### **Mecanismos de expressão da quantidade**

Tendo em conta estas primeiras intuições, quisemos perceber como funcionam a expressão da quantidade e a transmissão da categoria de sexo dos referentes animados – dois aspectos estruturantes da LGP ao nível semântico-concetuual e não da morfossintaxe.

Observemos, primeiramente, os dados relativos à quantidade, em (10) e (11).

- \_\_\_\_\_ls/ic<sup>5</sup>
- (10) a) PESSOA ESSE INTELIGENTE (CHOUPINA et al., 2015)  
“Essa pessoa é inteligente”.
- \_\_\_\_\_ls/ic
- b) PESSOA ESSES INTELIGENTE (CHOUPINA et al., 2015)  
“Essas pessoas são inteligentes”.
- \_\_\_\_\_ls/mc
- (11) a) LIVRO DIFERENTE EU TER (CHOUPINA et al., 2015)  
“Eu tenho um livro diferente”.
- \_\_\_\_\_ls/mc
- b) LIVRO DIFERENTE NÓS TER (CHOUPINA et al., 2015)  
“Nós temos livros diferentes”.

<sup>5</sup> Levantar das sobrancelhas e inclinar da cabeça para a frente.

Nos exemplos (10), estamos perante uma estrutura predicativa de cópula vazia, uma vez que o verbo copulativo SER (assim como outros copulativos) parece não ter, sistematicamente, expressão linguística nesta língua (ver resultados apresentados em CHOUPINA et al., 2015 para ESTAR e FICAR). Ao nível da expressão da quantidade, a diferença de singular para plural de (10a) para (10b) foi marcada, na LGP, unicamente no determinante demonstrativo ESSE/ESSES, em posição pós-nominal, sem qualquer tipo de concordância com o núcleo do sintagma nominal (SN), nem com o adjetivo em posição de predicativo do sujeito.

Em (11b) havia dois plurais, um no sujeito e outro no complemento direto, o que talvez tenha confundido o informante, dado que apenas é expresso o plural no pronome pessoal sujeito e não no SN complemento direto.

De referir que a ordem OSV nos exemplos de (11) pode estar a ser motivada pela marcação de tópico no Objeto, com recurso a expressão não manual (levantamento de sobranças e ligeiro movimento da cabeça para a frente), tal como verificado já na Língua Brasileira de Sinais (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 146-153) e outras línguas gestuais.

Vejamos agora o par de frases em (12), com diferença no número apenas no complemento direto, também retiradas de CHOUPINA et al. (2015).

- \_\_\_\_\_ ls/ic
- (12) a) ÁRVORE EU PLANTAR DIA 21 MARÇO  
árvore eu plantar dia 21 de março  
“Eu plantei uma árvore no dia 21 de março”.
- b) TURMA MINHA PLANTAR<sub>repetição do gesto</sub> ÁRVORE DIA MUNDO  
turma minha plantar plantar plantar árvore dia mundial  
“A minha turma plantou (muitas) árvores no dia Mundial”.

Em (12a), mais uma vez, o Objeto é deslocado por tópico para a primeira posição, gerando a ordem OSV. Quanto à marcação do número, verificamos que esta categoria não está representada formalmente, o que se expressa é a quantidade, tendo ocorrido em (12b) de uma forma muito particular: é a repetição do verbo PLANTAR que transmite o plural, sendo que o nome ÁRVORE se mantém no singular. Ainda que fossem necessários mais dados, pensamos que este fenómeno de repetição da forma verbal se encontra nesta língua ao serviço da realização da quantidade nominal plural.

Na tentativa de encontrar marcação do número lexical ou morfossintática distinta da já analisada, analisemos as frases apresentadas em (13) e (14):

\_\_\_\_\_ls/ic

(13) a) CRIANÇA COMER SOPA VERDE COMER MUITO BEM

“A criança come a sopa verde muito bem”.

b) CRIANÇA<sub>repetição parcial</sub> COMER GELADO..... (1.<sup>a</sup> tentativa do gestuante)

\_\_\_\_\_ls/ic

b') CRIANÇA<sub>repetição parcial</sub> MORANGO GELADO COMER MUITO BEM (produção final)

criança\_jovem\_jovem\_jovem gelado de morango comer muito bem

“As crianças comem os gelados de morango muito bem”.

\_\_\_\_\_ls

(14) a) MOCHILA ALUNO ELE PÔR MESA (LGP)

“O aluno põe a mochila na mesa”.

\_\_\_\_\_ls

\_\_\_sc

b) MESA/ TODOS ALUNO MOCHILA PÔR

“Todos os alunos puseram as mochilas na mesa”.

Em (13b') a quantidade plural no SN sujeito é expressa pela repetição parcial do gesto CRIANÇA. O gesto é formado por composição de MENINO + JOVEM, sendo que aqui se repete o gesto de jovem, abrindo a configuração de “O” espremido para a configuração “1” o lado dominante. Já no exemplo (14b) a quantidade no sujeito é realizada apenas no quantificador universal TODOS. À semelhança do que aconteceu em (11b), também em (13b e b') e (14b) a existência de quantidade plural em dois sintagmas da frase pode ter influenciado as produções em LGP, pois apenas foi marcado o valor plural no sujeito destas frases, e nunca no complemento direto. Por sistematicidade, parece ser mais evidente a estes indivíduos a quantidade no sujeito, daí que a marcação apenas tenha ocorrido nesta posição. Não podemos esquecer que nestas duas últimas frases temos leituras distintas: em (13b') e (14b) temos, respectivamente, uma leitura genérica e uma leitura específica distributiva. Neste sentido, questões semânticas, para além da expressão

da quantidade nominal, podem estar influenciando os dados, marcando a atenção do gestuante surdo. No entanto, precisaremos de uma experiência mais direcionada para discutir este tema e poder apresentar conclusões mais fundamentadas.

Em síntese, a quantidade plural (definida ou indefinida) é transmitida uma única vez nas frases analisadas: no determinante demonstrativo (10b), no verbo, por repetição integral do gesto (12b), no nome por repetição parcial do gesto (13b), no quantificador universal (14b); ou não é marcada, como aconteceu no complemento direto de algumas frases. Ainda que seja necessário continuar a investigação, podemos já concluir que o nome não comanda a categoria número formal e que não há obrigatoriedade de concordância dentro do SN, nem entre sintagmas da frase, contrariamente ao verificado no PE.

### **Mecanismos de expressão da categoria biológica sexo dos referentes animados**

A análise do exemplo 9 permitiu-nos retirar uma primeira ilação – ao que parece, na LGP, não existe a categoria gênero gramatical, tal como esta é encontrada no PE.

Na LGP, os nomes (quer referentes a seres animados, quer inanimados) não possuem qualquer marca de gênero linguístico. Tal como já afirmamos em Choupina (2014), “a confusão entre as noções de gênero linguístico e sexo são generalizadas entre os gramáticos e estudiosos das línguas”, incluindo a LGP, como é evidente também em Amaral et al. (1994), quando afirmam que, na LGP, “só quando é necessário explicitar o sexo dos seres animados é que o gênero aparece marcado” (AMARAL et al., 1994, p. 83). Nesta circunstância, não é o gênero que aparece marcado, uma vez que a língua não tem esta categoria, estando apenas evidente a expressão linguística do sexo dos referentes.

Assim, por comparação com o que ocorre nas línguas orais Tétum e Caboverdiano de Santiago, que também não possuem a categoria nominal gênero gramatical, e com base já num primeiro estudo por nós realizado (CHOUPINA, 2015), quisemos sintetizar este fenômeno e as estratégias ou processos linguísticos que permitem expressar a categoria biossocial sexo dos referentes animados.

Veamos, a seguir, na Tabela 3, os vários processos linguísticos existentes para realizar a referenciação à categoria sexo dos referentes animados LGP, ilustrados com exemplos retirados de Amaral et al. (1994, p. 84-85) e CHOUPINA (2015).

| Processos utilizados                      | Nomes de seres animados humanos  |   |
|---|--|---|
|   | Língua Gestual Portuguesa  |   |
|   | Masculino (ou macho)   | Feminino (ou fêmea)   |
| <b>Composição</b>                         | <p>AVÔ<sup>6</sup> CM: R fechado, termina em R aberto; P: BO1; M: local; O: baixo; CNM: lábios contraídos e projetados<sup>6</sup></p> <p>“avô”</p> <p>CUNHADO</p> <p>“cunhado”</p> <p>HOMEM IGUAL</p> <p>“irmão”</p> <p>HOMEM JOVEM</p> <p>“menino”</p> | <p>MULHER AVÔ<sup>6</sup> CM: R fechado, termina em R aberto; P: BO1; M: local; O: baixo; CNM: lábios contraídos e projetados</p> <p>“avó”</p> <p>MULHER CUNHADO</p> <p>“cunhada”</p> <p>MULHER IGUAL</p> <p>“irmã”</p> <p>MULHER JOVEM</p> <p>“menina”</p> |
| <b>Heteronímia de radicais</b>            | <p>PAI<sup>6</sup> CM: bico de pato; P: BO2; M: local simples; O: contralateral; CNM: Ø</p> <p>“pai”</p> <p>HOMEM<sup>6</sup> CM: bico de pato; P: BO2; M: local repetido 2x; O: contralateral; CNM: boca em O</p> <p>“homem”</p>                        | <p>MÃE<sup>6</sup> CM: mão aberta, termina em G; P: baixo QU1; O: baixo; CNM: Ø</p> <p>“mãe”</p> <p>MULHER<sup>6</sup> CM: indicar; P: BO2; M: retilíneo de superfície simples; O: contralateral; CNM: boca cerrada</p> <p>“mulher”</p>                     |
| <b>Alternância fonológica/quirológica</b> | <p>AVÔ<sup>6</sup> CM: R fechado, termina em R aberto; P: BO1; M: local; O: baixo; CNM: lábios contraídos e projetados</p>   | <p>AVÓ<sup>6</sup> CM: R fechado, termina em R aberto; P: BO1; M: local; O: baixo; CNM: lábios arredondados e boca aberta em O</p>  |

Tabela 3: Processos linguísticos de expressão da categoria sexo dos referentes com nomes de seres animados humanos em LGP.

<sup>6</sup> Para referências aos parâmetros descritivos dos gestos consultar Amaral et al. (1994).



Para indicar a categoria de sexo dos seres animados humanos, os processos mais produtivos são a composição e a heteronímia de radicais, ou seja, o uso de gestos específicos de um dos seres. Se o gesto designar em particular um dos seres, como é o caso de AVÔ, o sexo expressa-se, normalmente, por **composição**, justapondo os gestos de HOMEM/MASCULINO e de MULHER/FEMININO apenas ao nome que designa o ser feminino. É o que acontece na maioria dos nomes de parentesco. Se o gesto não identifica especificamente um o ser masculino, então aplica-se o processo de composição em ambos os gestos, como acontece para IRMÃO/IRMÃ e pode também acontecer para MENINO/MENINA.

Outro dos processos disponíveis para expressar o sexo dos seres humanos, à semelhança do que acontece nas línguas orais antes analisadas, é a **heteronímia de radicais**, como os exemplos PAI/MÃE e HOMEM/MULHER ilustram.

Por influência do PE, mas em desuso neste momento, pode ainda aplicar-se a **alternância fonológica/quirológica** para distinguir os nomes referentes a seres de sexo diferente, por alteração de um parâmetro formacional do gesto. No exemplo “avô” e “avó”, a alternância pode marcar-se, em LGP, na componente não manual (CNM) do gesto (nos lábios), convocando os traços definidores dos fones finais vocálicos [o] e [ɔ], respectivamente para o masculino e para o feminino. Já no Caboverdiano de Santiago, a influência do PE é também evidente na coabitação de processos de alternância fonológica e de composição para os mesmos nomes, possibilitando duas formas para designar os mesmos seres. Por exemplo, tal ocorre em *irmão/irmã* e *filho/filha*, como se constata nos exemplos de LUCCHESI (2003) – coabitando *irmô/irmã* e *fiju/fija*, típicas do PE, com as formas compostas com *machu* e *fémia*, mais características desta língua. É exatamente o que ocorre com avô/avó em LGP – coabitam AVÔ/MULHER AVÔ e AVÔ/AVÓ (com diferença na CNM dos lábios).

Na tabela seguinte, apresentamos exemplos de gestos para seres animados não humanos e LGP.

| Processos utilizados           | Nomes de seres animados não humanos   |   |
|--------------------------------|---|---|
|                                | Língua Gestual Portuguesa   |   |
|                                | masculino   | feminino  |
| <b>Composição</b>              | GATO<br>“gato”<br><br>CÃO ou MACHO CÃO<br>“cão”<br><br>ELEFANTE ou MACHO ELEFANTE<br>“elefante”   | FEMININO GATO<br>“gata”<br><br>FEMININO CÃO<br>“cadela”<br><br>FEMININO ELEFANTE<br>“elefante fêmea”  |
| <b>Heteronímia de radicais</b> | BOI CM:Y; P:TEdireita; M: semicircular, horizontal<br>simples; O: contralateral; CNM: Ø<br><br>CARNEIRO CM: gancho duplo; P:T2; M:diagonal,<br>espiral, simples; O: contralateral; CNM: Ø<br>“carneiro” | VACA CM: lambda; P:T1; M: local 2x; O: recetor; CNM:<br>Ø<br><br>OVELHA CM: gancho duplo redobro; P:TE; M:<br>espiral horizontal simples; O: contralateral; CNM:Ø<br>“ovelha” |
| <b>Derivação</b>               | GALO Ponto da segunda parte: CC (cimo da cabeça)  | GALINHA Ponto da segunda parte: T1 (centro da testa)  |

Tabela 4: Processos linguísticos de expressão da categoria sexo dos referentes com nomes de seres animados não humanos em LGP.

Quanto aos nomes de animais cuja referência à categoria sexo seja realizada por composição, tal apenas ocorre se for necessário na comunicação. Normalmente, marca-se linguisticamente o termo que designa o ser feminino, a não ser que o discurso seja específico sobre a espécie animal e seja necessário marcar também o masculino.

A **heteronímia de radicais**, como os exemplos BOI/VACA e CARNEIRO/OVELHA ilustram, está também disponível para gestos de seres animais. As descrições fonológicas ou quirológicas que acompanham cada gesto provam que os gestos apresentam diferenças em um ou mais traços, o que mostra que os seres em questão têm designadores diferentes.

Também a **derivação** permite criar palavras em LGP, alterando pelo menos um dos cinco parâmetros formacionais. Como o processo está disponível como processo morfológico geral para formar novos gestos, então também é aproveitado como recurso linguístico para expressar diferenças da categoria sexo dos referentes, sendo o caso dos

gestos de GALO e GALINHA, extraídos de Amaral et al. (1994, p. 88), que apenas se distinguem no parâmetro *Ponto de Articulação* da segunda parte do gesto (na primeira parte são exatamente iguais), o que revela o mesmo funcionamento dos morfemas derivacionais atestados e analisados nas línguas orais.

Em síntese, a LGP é mais uma língua em contato com o PE que apenas dispõe da expressão do sexo dos referentes animados, não tendo o gênero linguístico no nome como um traço de concordância dentro das palavras do sintagma nominal. Os processos linguísticos utilizados para indicar a categoria de sexo são os mesmos que foram encontrados no Tétum e o Caboverdiano de Santiago, assim como no próprio PE, nomeadamente a composição e a heteronímia de radicais.

### **Algumas conclusões**

A análise comparativa entre o PE e as línguas de contato (orais e gestual) aqui realizada revela duas tendências: (i) o número é uma categoria formal, apenas encontrada no PE, enquanto a expressão da quantidade é comum a todas as línguas analisadas; ainda que permitam a informação da quantidade, a diversidade de estratégias e fenômenos deve ser estudada em profundidade, nomeadamente quando considerada para as abordagens pedagógico-didáticas em L2 e Língua estrangeira, as quais devem atender a parâmetros linguísticos específicos da língua e à distinção entre categorias linguísticas e a marcação linguística de uma categoria natural; (ii) o gênero gramatical é igualmente uma categoria formal, ainda que não opere por flexão e sistematicidade no PE, enquanto nas restantes línguas descritas não existe e apenas há a expressão do sexo dos referentes animados (humanos e não humanos), sendo que os recursos linguísticos de composição (com termos ligados às categorias de sexo) e a heteronímia de radicais se manifestam comuns a todas as línguas.

Das quatro línguas observadas – o Português Europeu, o Tétum, o Caboverdiano e a LGP –, apenas o PE tem as categorias número formal e gênero gramatical como obrigatórias para a concordância das palavras dentro dos sintagmas nominais e das frases. Esta conclusão permite-nos provar que a LGP apresenta aspectos estruturantes semelhantes aos que se verificam em algumas línguas orais em contato com o Português.

Consideramos as questões debatidas neste artigo relevantes cientificamente, uma vez que podem influenciar, por um lado, a variante do Português adquirida e/ou aprendida (em termos de modalidade oral ou escrita) nas zonas de contato e a aquisição da estrutura gramatical do Português na variante PE, e, por outro, a aquisição da LGP por indivíduos não nativos (surdos ou ouvintes), justificando-se, mais uma vez, a relevância desta análise descritiva comparativa.

## Referências

- AMARAL, M. A.; COUTINHO, A.; DELGADO-MARTINS, Maria R. **Para uma gramática da Língua Gestual Portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1994.
- BAPTISTA, A. et al. Representação e aquisição do género linguístico em PE: alguns contributos a partir da análise de materiais pedagógicos. **Anais do IV Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa** (Simpósio 5 - Estudos Linguísticos e Literários de Língua Portuguesa na Educação Básica), 2013, p. 216-224.
- CARDOSO, A. J. **O papel da língua materna na aquisição de uma língua segunda: o caso da Língua Caboverdiana** (breve abordagem gramatical). Centro de Estudos Multiculturais, 2005.
- CHOUPINA, C.; SEMEDO, A. S. Perspetiva comparativa da categoria género nos nomes: português europeu, tétum e cabo-verdiano. Comunicação apresentada a **II Conferência A Língua Portuguesa no sistema mundial, Língua Portuguesa Global – internacionalização, ciência e inovação**. 29 e 30 de outubro de 2013, Reitoria da Universidade de Lisboa e Faculdade de Letras de Lisboa, no prelo.
- CHOUPINA, C. et al. A gramática intuitiva, o conhecimento linguístico e o ensino-aprendizagem do género em PE. **Anais do IV Simpósio Internacional de Ensino da Língua Portuguesa**. Vol. 3, n. 1. Uberlândia: EDUFU, 2014.
- CHOUPINA, C. M. O género nos nomes em PE e em línguas de contacto de modalidades diferentes: natureza e processos de realização. In: Ferreira, A. M.; BRASETE, M. F. (Org.). **Pelos mares da Língua Portuguesa 2**. Aveiro: UA Editora, 2015, p. 481-499.
- CHOUPINA, C. M. et al. Conhecimentos e regras explícitos e implícitos sobre género linguístico nos alunos dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico: a influência da classe formal do nome. **Revista da Associação Portuguesa de Linguística**, n. 1, 2016, p. 121-150.
- CHOUPINA, C.; PAIS, M.; ALVES, J.; BANDEIRA, A. Ordem de palavras e concordâncias no interior do sintagma nominal em Língua Gestual Portuguesa: análise da categoria número (pôster). In: A. M. BRITO; C. CHOUPINA (Org.). **I Jornadas de Morfossintaxe da LGP e de outras Línguas de Sinais** (Livro de resumos e programa). Porto: Clássica, 2015, p. 121-125.

CHOUPINA, C.; BRITO, A. M.; BETTENCOURT, F. Particularidades da morfossintaxe das construções ditransitivas com o verbo 'DAR' na Língua Gestual Portuguesa. **Revista da Associação Portuguesa de Linguística**, n. 2, 2016, p. 117-147.

CHOUPINA, C.; CARVALHO, F.; MADUREIRA, R.; FERREIRA, B.; PEREIRA, D. ESTAR e FICAR na Língua Gestual Portuguesa: entre verbos copulativos e verbos principais. In: A. M. Brito; C. Choupina (Org.). **I Jornadas de Morfossintaxe da LGP e de outras Línguas de Sinais** (Livro de resumos e programa). Porto: Clássica, 2015, p. 107-110, 2015.

CHOUPINA, C.M. Reflexões sobre o género em Português Europeu e em Tétum. **Revista electrónica elingUP**, n. 1, v. 3, 2011, p. 64-77.

CORBETT, Greville. **Gender**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

\_\_\_\_\_. **Number**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

COSTA, L. **Guia de conversação Português-Tétum**. Lisboa: Edições Colibri, 2001.

DRYER, Matthew S. Coding of nominal plurality. In: DRYER, Matthew S.; HASPELMATH, Martin (Org.). **The world atlas of language structures online**. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, 2013. Disponível em: <<http://wals.info/chapter/33>>. Acesso em 24 de Abr. 2017.

HOCKETT, C. F. The origin of speech. **Scientific American** **204**, 1960, p. 88-111. Reimpresso em: WANG, W. Human communication: language and its psychological bases. **Scientific American**, 1982, p. 4-12.

HULL, Geoffrey; ECCLES, Lance. **Gramática da Língua Tétum**. Lisboa: Lidel, 2005.

LUCCHESI, D. A categoria gramatical do género: universais, mudança e criouliização. **Razões e Emoções**. Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus, v. I. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003, p.429-450.

LYONS, J. **Language and Linguistics: an introduction**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

PEREIRA, Dulce; ARIM, Eva; CARVALHO, Nuno. **Projecto Diversidade Linguística na Escola Portuguesa**. Crioulo de Cabo Verde: Características Gramaticais. ILTEC, 2013-2015, p. 10-26. Disponível em: <[http://www.iltec.pt/divling/cd1/cd\\_pdfs/Crioulo\\_de\\_Cabo\\_Verde.pdf](http://www.iltec.pt/divling/cd1/cd_pdfs/Crioulo_de_Cabo_Verde.pdf)>. Acesso em 24 de Abr. 2017.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira**. Estudos Linguísticos. Porto Alegre: Artmed Editora, 2004.

VILLALVA, A. **Estruturas Morfológicas**. Unidades e Hierarquias nas Palavras do Português. Lisboa: FCG/FCT, 2000.

\_\_\_\_\_. Estrutura morfológica básica. In: MATEUS, M. H. M. et al. (Org.). **Gramática da língua portuguesa**. 5 ed. Lisboa: Caminho, 2003.

**Abstract**

*This article is part of the scope of Comparative Linguistics and aims to show that the Portuguese Sign Language has structural aspects of its morphosyntax similar to those which occur in spoken languages in contact with the Portuguese. We will make a presentation of the quantity expression phenomena and the sex categories of animate beings and its realization processes. The LGP, like any natural language, have the ability to communicate the amount through various mechanisms, manual and non-manual, and allows to transmit, when necessary to communication, biological category sex of animal beings. However, it is not part of the language group with formal number and grammatical gender, so any of the categories – quantity and sex categories – have implications for morphosyntactic words agreement in phrases and sentences, even resorting to lexical, morphosyntactic and prosodic mechanisms.*

**Keywords:** *Linguistics. LGP. Grammatical gender. Sex categories. Formal number and quantity*